

**O *sebastokrator* Isaac Comneno
(n.1050-†1102/4) e os desafios em
representar um quase imperador ¹**

The *sebastokrator* Isaac Komnenos
(b.1050-†1102/4) and the challenges in
describing a quasi-emperor

João Vicente de Medeiros Publio Dias²

Submissão: 21/06/2023

Aceite: 28/04/2024

Resumo

Aleixo I Comneno (1081-1118) é conhecido pela historiografia por ter estabelecido um governo familiar no qual seus parentes não apenas recebiam privilégios extraordinários, mas também um papel mais importante no governo do que o dos familiares dos imperadores anteriores. Ninguém personificou mais essa inovação do que seu irmão, Isaac Comneno (1050-1102/1104). Ele foi nomeado por Aleixo *sebastokrator*, que é uma associação entre dois títulos originalmente imperiais: *autokrator* (lat. *imperator*) e *sebastos* (lat. *augustus*). Isso simbolizava o *status* como quase igual ao imperador que Isaac desfrutou durante o reinado de seu irmão. Essas inovações criadas por Aleixo eram quase sem precedentes, exigindo adaptações ou até mesmo invenções linguísticas por parte dos retóricos que exaltavam os membros da aristocracia dos Comnenos e dos historiadores que tentavam esclarecer as políticas de Aleixo. Assim, o presente artigo analisará algumas fontes escritas, como obras historiográficas, retóricas e epigráficas, e pictóricas, como selos de chumbo e mosaicos decorativos, relacionadas a Isaac, a fim de entender como a linguagem de diversos gêneros foi adaptada para construir a autoridade e poder extraordinário do irmão do imperador e as relações entre os dois.

Palavras-chave: Isaac Comneno; Aleixo I Comneno; Império Bizantino; representação; história política.

Grande área: História Medieval, Estudos Bizantinos, História Política

Abstract

Alexios I Komnenos (1081-1118) is known by the historiography for having established a family government

in which his relatives not only received extraordinary privileges, but also a more important role in government than the relatives of previous emperors. No one personified this innovation more than his brother, Isaac Komnenos (1050-1102/1104). He was bestowed by his brother with the title *sebastokrator*, which is an association between two originally imperial titles: *autokrator* (lat. *imperator*) and *sebastos* (lat. *augustus*). This represented the *status* as almost equal to the emperor that Isaac enjoyed during his brother's reign. However, these innovations created by Alexios were almost unprecedented, requiring linguistic adaptations or even inventions on the part of rhetoricians who praised the members of the Komnenian aristocracy and the historians who tried to clarify Alexios' policies. Thus, this article will analyse some written sources, such as historiographical, rhetorical, and epigraphic works, and pictorial sources, such as lead seals and decorative mosaics, related to Isaac, in order to understand how the language of various genres was adapted to construct the authority and extraordinary power of the emperor's brother and the relationships between the two.

Keywords: Isaac Komnenos; Alexios I Komnenos; Byzantine Empire; representation; political history.

Major Field: Medieval History, Byzantine Studies, Political History

1. Introdução: um não imperador entre imperadores

O Sinódico da Ortodoxia é um compêndio iniciado após o fim ao Iconoclasmo em 843, no qual doutrinas anatematizadas, ou seja, condenadas como heresias pela Igreja Bizantina, são listadas. É um documento que foi regularmente complementado ao longo dos anos com novos anátemas até quase a data da tomada de Constantinopla pelos otomanos em 1453 (Gouillard, 1967). Em seu fim, o Sinódico celebra a memória dos imperadores ortodoxos de Constantinopla. Na lista, estão inclusos não somente os governantes, mas também e de acordo com a prática cujo objetivo era assegurar a sucessão dinástica (Dagron, 2003, p. 13-124; Lilie, 2017, p. 21-41), alguns dos filhos daqueles que foram coroados ainda na vida de seus pais, como Constantino e Cristóvão, filhos de Basílio I (867-886), e Andrônico, filho de Constantino X Ducas (1059-1067). Da mesma forma, a lista exclui imperadores que, por uma razão ou outra, sofreram uma *damnatio memoriae*: Miguel V (1041-1042), Andrônico I Comneno (1183-1185) e João IV Lascaris (1258-1261). Chama atenção, porém, que, neste inventário, foi incluído um único indivíduo que nunca portou um título imperial propriamente dito: Isaac Comneno, irmão de Aleixo I (1081-1118) (Gouillard, 1967, p. 96, 258-260). Isaac recebeu de seu irmão o título de *sebastokrator*, após Aleixo ter tomado o poder em 1081 (Kazhdan; McCormick, 1991, p. 1862). Iremos falar sobre essa honraria detalhadamente mais a frente, mas por ora vale sublinhar que, embora tenha sido o primeiro a portá-la, Isaac não foi o último. Ela passou a ser concedida aos filhos dos monarcas que não estavam marcados para sucessão imperial. Contudo, dos vários *sebastokratores* que existiram, somente Isaac está incluído nessa lista. Este privilégio extraordinário conferido ao irmão de Aleixo I não é exclusivo deste documento, Isaac foi exaltado como um quase imperador ou um igual a um em outras fontes, refletindo um contexto no qual pôde exercer autoridade suficiente para classificarmos a situação vigente como uma partilha de poder entre ele e seu irmão.

Partilha de poder em Bizâncio é um fenômeno pouco estudado, muito provavelmente devido a sua excepcionalidade. Sendo a cultura política bizantina fundada na tradição romana, o poder imperial tem sua origem no *patronatus*, uma rede informal de clientela centrada na figura do *patronus*. De acordo com ela, os clientes deviam lealdade ao *patronus* em troca de proteção. Na crise do fim do período republicano (séc. II e I a. C.), essas redes

de patronato cresceram, se estenderam ao exército e entraram em conflito umas com as outras. A hegemonia de Augusto e a criação do cargo de *princeps* representaram a supremacia de uma dessas redes sobre todas as outras e na aceitação pela sociedade romana de que essa solução era a única que traria paz e estabilidade, garantindo as “liberdades” romanas (Beck, 1994 p. 34-37). No período tardo-antigo, essa autoridade de natureza patrimonial começou a se vestir de discursos religiosos que elevaram o imperador a uma condição divina. A concepção cristã do monarca divinamente apontado, tendo no império uma posição análoga àquela ocupada por Deus na Criação, foi a forma final do processo de divinização do cargo imperial romano (Kolb, 2004, p. 27-37). Embora tal concepção de poder imperial pareça não acomodar arranjos de partilha de poder, a ideia acompanhou a história institucional romana: a República foi fundada como um esquema de partilha de poder dentro de uma elite; antes de se tornar o *princeps*, Augusto se deixou acompanhar por colegas com quem governou junto durante o Segundo Triunvirato (43-32 a. C.) para tentar evitar uma guerra civil; e após um período de crises internas e guerras intestinas por quase todo século III d. C, a Tetrarquia foi estabelecida em 293 d. C para que a estabilidade pudesse retornar ao Império Romano. No período bizantino, a memória do poder colegiado subsistiu junto à hegemonia da autocracia. Assim, em casos excepcionais, a partilha de poder foi exercida ou considerada em momentos de crise, como, por exemplo, em sucessões particularmente conturbadas ou em guerras civis (Dias, 2023). O caso de Isaac foi o último. Em outro trabalho discuto o seu exercício de poder político durante o reinado de Aleixo I e como a partilha de poder entre os dois funcionou (Dias, 2024).³ Já este artigo tratará da sua representação. Assim, examinarei algumas obras de natureza historiográfica e retórica nas quais Isaac é mencionado, assim como representações visuais, a fim de entender como a linguagem de diversos gêneros foi adaptada para construir a autoridade e o poder extraordinário do irmão do imperador, assim como as relações entre os dois.

2. Uma tipologia das formas de representação da autoridade e poder imperial

O atual estudo busca entender como o poder excepcional e, em certos aspectos, único criado em função de uma inovação estabelecida pela rebelião dos Comnenos de 1081 foi representado por uma cultura política que prezava

acima de tudo a tradição. Portanto, é interessante e útil nos remeter à tipologia da representação imperial concebida por Paul Magdalino (2017, p. 576-577). Segundo Magdalino, há três tipos: 1-) aquelas que podemos chamar de oficiais, pois vindas do imperador em pessoa ou em seu nome como leis, cartas, relatórios de vitória, cartas de doação, anúncios públicos inscritos etc; 2-) aquelas de também natureza oficial, mas vindas de autoridades governamentais ou eclesiásticas, como discursos, memorandos, retratos e eventos cerimoniais organizados no serviço imperial e aprovados por ele; 3-) aquelas não-oficiais, pois originadas de pessoas privadas, ou de instituições agindo sem autorização oficial direta do imperador ou do governo, algumas dirigidas diretamente a ele, independentemente se chegou ou não a sua atenção, como literatura de conselho, petições não solicitadas, elogios, ou escritos que se referem ao imperador ou ao poder imperial em terceira pessoa, principalmente as obras historiográficas e raros tratados de teoria política. É claro que toda tipologia é uma artificialidade, pois a realidade não se encaixa perfeitamente em modelos ideais: obras podem se acomodar em dois tipos diferentes ou ficar numa área cinza entre elas. Porém, tal classificação pode ser instrumental, se adaptada ao contexto analisado. Assim, em primeiro lugar iremos discutir algumas formas de como o poder e a autoridade do irmão de Aleixo I era representada por outros, pelo cerimonial e por ele mesmo, para então nos valer da tipologia de Magdalino, fazendo as adequações necessárias, para finalmente tirarmos algumas conclusões sobre seu significado.

3. A tomada de poder pelos Comnenos em 1081 e as inovações na titulatura

No topo da estrutura político-administrativa bizantina estava a figura do imperador, cujo título mais importante era *autokrator*, a tradução grega da nomenclatura latina *imperator*. No século VII, o título *basileus* é oficialmente adotado, embora já utilizado por séculos informalmente. Originalmente, esse título se traduz para o português como “rei”, porém, no contexto bizantino, é associado ao imperador (Chrysos, 1978; Zuckerman, 2010). Devido à tradicional rejeição à monarquia por parte da aristocracia romana, atribuiu-se a acomodação dos romanos com essa forma de governo à anexação à esfera política romana do mundo helenístico, que não tinha problemas com monarquia, e uma conseqüente helenização do Império Romano. (Kazhdan;

Mccormick, 1991, p. 264). Anthony Kaldellis (2015) recentemente descartou a origem helenística da *basileia* – a monarquia – romana/bizantina. Segundo Kaldellis, as monarquias helenísticas teriam um caráter dinástico, patrimonial e descolado de qualquer identificação coletiva. A *basileia* bizantina, em contraste, seria uma forma de serviço à *politeia/ res publica* romana e inconcebível se separada dessa função. A *res publica* romana não teria, então, nenhum elemento helenístico, ainda que o aparato conceitual grego tenha sido usado para exprimir ideias romanas (Kaldellis, 2015, p. 54-61). Embora fosse possível haver mais de um imperador, geralmente pai e filho(s), ou figuras de extrema influência política (mesmo com alguma autonomia em relação ao monarca), mas sem obter honras imperiais (Beck, 1955), a situação mais comum e de acordo com os modelos ideais era a existência de um único governante gozando do poder imperial. Naturalmente, o basileu era apoiado por uma comitiva de associados próximos aos quais confiava as tarefas mais importantes, assim como por um corpo de funcionários profissionais e altamente educados que eram responsáveis pelo funcionamento da máquina estatal (Guillou, 1997).

A ascensão de Aleixo I ao trono em 1081 causou algumas mudanças na distribuição de poder e na composição dos estratos mais altos da aristocracia bizantina. Este monarca é conhecido pela historiografia por ter estabelecido um governo de natureza patrimonial no qual seus parentes não só teriam recebido privilégios extraordinários, mas também um papel mais importante no governo do que os familiares imperiais tinham anteriormente (Hohlweg, 1965, p. 1-40). Se os parentes dos governantes anteriores poderiam ter exercido influência junto a eles, a posição daqueles não havia sido institucionalizada. Ela era baseada em relações informais, logo frágeis. Aleixo, por sua vez, iniciou um processo de institucionalização da posição dos familiares do imperador na hierarquia palaciana e no aparelho estatal, ao criar uma série de novos títulos honoríficos baseados em outro título imperial, o de *sebastos* que vem do latim *augustus* (*sebastos*, *protosebastos*, *panhypersebastos* etc), e colocando-os acima de todos os outros títulos de corte existentes até aquele momento. Na verdade, o título *sebastos* havia sido recentemente concedido pelos monarcas a algumas poucas pessoas, entre elas Aleixo, antes de se tornar imperador, e Isaac Comneno, mas foi somente durante o reinado de Aleixo I que o título *sebastos* e suas variantes passaram a ser sistematicamente usadas e, como era comum no contexto bizantino,

inflacionadas (Stiernon, 1965). Esses títulos honoríficos não somente eram acompanhados de uma posição privilegiada na corte, mas também por generosas concessões de terras e rendas fiscais, que posteriormente ficariam conhecidas como *pronoia* (Bartusis, 2012, p. 132-160). A natureza das mudanças implementadas por Aleixo I e o quão estruturais elas teriam sido são temas de debate, principalmente a partir do congresso realizado em Belfast em 1989 dedicado ao reinado desse imperador, cujos anais foram publicado em 1996 (Mullett; Smythe, 1996) e continuam sendo até hoje, vide os artigos produzidos por Peter Frankopan questionando se de fato Aleixo teria distribuído poder amplamente a toda sua parentela. Ele, assim, afirma que tais concessões eram pontuais, temporárias e equilibradas pela ampla presença de indivíduos de fora da família em posições de poder (Frankopan, 2006a, 2006b, 2007, 2017).

Se essas mudanças implementadas por Aleixo, principalmente relacionadas à distribuição de poder, foram e ainda são um ponto de discordância entre especialistas, é inquestionável que ele de fato elevou a sua família a uma condição superior àquela do resto da aristocracia. Se é verdade que os privilégios e as honrarias concedidas não tenham necessariamente refletido em participação no governo e poder de fato, alguns poucos parentes do imperador tiveram um papel inquestionavelmente central no regime estabelecido em 1081. Os principais entre eles foram sem dúvida Ana Dalassena, sua mãe, e Isaac Comneno, seu irmão.

Antes de 1081, Aleixo e Isaac ocupavam importantes postos militares e juntos decidiram iniciar uma rebelião militar contra o então imperador Nicéforo III Botaniates (1078-1081) a fim de destroná-lo. Embora mais velho, Isaac foi ignorado pelos soldados fiéis aos Comnenos em favor de seu irmão mais novo, Aleixo, nas aclamações para o cargo imperial, o que aparentemente não lhe causou raiva ou ressentimento (Ana Comnena, 2001, p. 72-75; João Zonaras, 1897, p. 727). Aleixo foi coroado junto a Constantino Ducas, filho de Miguel VII Ducas (1071-1078), que havia sido deposto por Nicéforo em 1078. Para legitimar seu novo governo, Nicéforo III havia se casado com a esposa de Miguel VII, a imperatriz Maria Bagrationi, conhecida também como Maria da Alânia. Ela era a mãe do jovem Constantino. Embora não se conheça um acordo prévio, a idade de Nicéforo III, já octogenário quando tomou o trono, deixou bem claro que seu reinado seria de transição, e Constantino Ducas,

filho do imperador anterior, o sucederia. Porém, Nicéforo deu a impressão de que tinha intenções de dar preferência a um parente seu na sua sucessão e marginalizar Constantino. Esse plano acabou por antagonizar a imperatriz e a forçou a estabelecer uma aliança com os Comnenos, que, ao apresentarem-se como protetores dos interesses do jovem príncipe, puderam angariar alguma legitimidade para a própria usurpação (sobre a tomada de poder pelos Comnenos, Dias, 2020, p. 87-97).

Ao tornar-se basileu, Aleixo garantiu a seu irmão um lugar de destaque em seu governo, assim como honras extraordinárias, até sua morte em algum momento entre 1102 e 1104 (Papachryssanthou, 1963). Assim, Isaac recebeu de seu irmão o título de *sebastokrator*, que é uma associação entre dois títulos originalmente reservados ao monarca: *autokrator* (lat. *imperator*) e *sebastos* (lat. *augustus*). Essa honraria representava o *status* quase imperial desfrutado por Isaac durante o reinado de seu irmão. Tal posição era resultado da relação familiar que existia entre os dois. A senioridade de Isaac e sua própria carreira anterior, tão destacada quanto a de Aleixo, ou mais, exigiam um reconhecimento por parte do novo imperador. Esse modelo de poder fraternal estudado por Vlada Stanković (2006, p. 66-97, 166-177) foi sem paralelo na história da Dinastia Comnena (1081-1182), uma vez que as relações entre os imperadores Comnenos e seus irmãos pioraram a cada geração. Estas inovações estabelecidas por Aleixo, que estenderam o carisma imperial aos seus parentes, exigiram adaptações ou mesmo invenções linguísticas por parte de retóricos e escritores para representar e elogiar os membros da aristocracia comnena, bem como por historiadores que buscaram esclarecer e avaliar as políticas de Aleixo. Da mesma forma, é possível observar o próprio Isaac buscando formas para representar sua própria autoridade nos selos de chumbo que autenticaram seus documentos.

4. Isaac Comneno representado pelas fontes historiográficas

O reinado de Aleixo I teve dois cronistas principais: João Zonaras, autor de *Epítome de Histórias*, e Ana Comnena, autora da *Alexiáda*. Ambos os autores escreveram em meados do século XII, ou seja, algumas décadas após a morte de Aleixo sob o governo de seu filho, João II (1118-1143), ou de seu neto, Manuel I Comneno (1143-1180). Anna Comnena, a autora da *Alexiáda*, continuou o trabalho de escrever uma história do reinado de seu pai que

havia inicialmente sido encomendada por sua mãe, a imperatriz Irene Ducas, a Nicéforo Briênio, marido de Ana Comnena. Contudo, ele faleceu em 1137 antes de finalizar sua obra. Assim, ela a terminou durante o reinado de Manuel I, centrando sua narrativa na figura de seu pai, em suas ações e nas políticas por ele implementadas.⁴ Além da ligação familiar com o protagonista de sua obra, outro evento relacionado à biografia da autora importante para as interpretações modernas da *Alexíada* foi um relato por Nicetas Coniates sobre uma suposta tentativa malsucedida de assassinar o seu irmão, o imperador João II (Nicetas Coniates, 1975, p. 10-12). Desse modo, a *Alexíada* foi por muito tempo lida como o fruto do ressentimento de sua autora resultante de suas ambições abortadas e de ter passado o resto da vida presa num monastério vivendo como freira.

Um estudo recente por Leonora Neville (2016) põe em xeque essa visão. Ana Comnena, segundo Neville, não passou sua vida num retiro monástico forçado, tendo adotado o hábito somente em seu leito de morte, como era tradicional em Bizâncio. Pelo contrário, viveu em liberdade, teve diversos filhos e manteve um ativo círculo intelectual. As lamentações e autocomiseração que cá e lá aparecem em seu texto e que foram interpretadas por muitos como uma referência à desgraça em consequência de sua tentativa malfadada de remover seu irmão seriam na verdade estratégias tipicamente femininas cujo objetivo era apelar à simpatia dos leitores homens e garantir que suas reivindicações de autoridade como historiadora não comprometessem sua imagem de mulher decorosa (Neville, 2016, p. 61-74). Neville chega a questionar a historicidade do relato sobre a conspiração organizada por Ana Comnena contra seu irmão, afirmando que seria uma forma literária encontrada por Nicetas Coniates, segundo o qual os Comnenos e os Angelos seriam responsáveis pelos eventos que levaram ao saque de Constantinopla pelos membros da 4.^a Cruzada em 1204, para caracterizá-los como controlados por mulheres, logo efeminados e corruptos (Neville, 2016, p. 102-112).

Uma outra abordagem recente por Larisa Vilimonović (2019) contradiz Neville, reafirmando a interpretação política da *Alexíada*. De acordo com essa autora, a obra teria sido uma iniciativa por Ana Comnena de criar uma narrativa paralela sobre o reinado de seu pai em competição com aquelas que seu irmão e sobrinho estavam criando. Os dois últimos formaram a linha

imperial da dinastia dos Comnenos, de forma que se apropriaram da memória de Aleixo I, o fundador da dinastia, e seu reinado para assim legitimar suas reivindicações imperiais frente a outras dentro da própria família. Vilimonović vê a *Alexíada* como a expressão de uma dessas reivindicações paralelas. Ana Comnena estaria se apresentando em sua obra como uma representante da Dinastia Ducas, com a qual Aleixo havia se aliado e a qual deu legitimidade a sua usurpação uma vez que haviam recentemente ocupado o trono imperial.

Já Zonaras escreveu seu *Epítome de Histórias* no formato tradicional de crônica universal, iniciando com a criação do mundo e terminando com o reinado de Aleixo I. Essa obra é conhecida pelas fortes críticas ao regime patrimonial estabelecido pelos Comnenos (Magdalino, 1983, p. 326-346; Tinnefeld, 1971, p. 144-147). A biografia do autor, contudo, é menos conhecida do que a de Ana Comnena. O que sabemos sobre ele vem do prefácio da sua obra *Epítome* no qual ele se descreve como *megas droungarios da vigla e protoasekretis*, e que, após uma carreira laica, ele se tornou monge (João Zonaras, 1897, p. 3-19). Isso deixa claro que, em sua vida secular, ele foi um alto oficial jurídico. Além de sua obra historiográfica, há diversos comentários de sua autoria sobre direito canônico e os pais da Igreja, a maior parte dos quais não sobreviveu (Beck, 1959, p. 656). Em seu prefácio, Zonaras menciona que vivia em um exílio monástico, o qual foi associado a suas críticas a Aleixo e interpretado como uma consequência de uma possível participação em uma das muitas conspirações que foram tramadas contra este imperador. Contudo, o texto do prefácio deixa claro que esse exílio foi autoimposto, sendo um *topos* – um lugar-comum – que os bizantinos usavam quando falavam sobre sua escolha de tomar o hábito monástico.

É uma questão ainda aberta a relação entre a *Alexíada* e o *Epítome de Histórias*, qual foi escrita primeiro, e se Zonaras leu Ana Comnena ou vice-versa. Um recente artigo de Peter Frankopan (2022) propõe que Zonaras usou a obra de Comnena como sua principal fonte para os eventos durante o reinado de Aleixo I. Dessa forma, ele conclui que Zonaras não deve ser estudado como uma fonte complementar a *Alexíada*, ou seja, um contrapeso a história elogiosa e de carga altamente pessoal de Ana Comnena. Na verdade, segundo Frankopan, o *Epítome de Histórias* não deveria ser tratada como uma fonte primária, mas sim como uma paráfrase posterior, cujo objetivo teria sido corrigir pequenos detalhes do relato da *Alexíada*. Logo, deveríamos

reconsiderar a obra de Zonaras não tanto como um representante da *Kaiserkritik*, ou seja, a crítica ao imperador, mas abordá-la com o objetivo de buscar as obras literárias que deram base ao relato desse autor, ou seja, fazer *Literaturkritik* (Frankopan, 2022, p. 670).

Essa é de fato uma conclusão curiosa, pois por mais que seja uma hipótese convincente apresentada por Frankopan, ela não exclui a possibilidade de uma crítica ao imperador. As escolhas narrativas do historiador - o que ele decide incluir no seu relato e o que ele decide tirar, assim como as formas como ele apresenta essa narrativa - revelam não somente suas escolhas metodológicas e estilísticas, mas também seus vieses e suas posições ideológicas (Krallis, 2017; Lilie, 2014). Além do mais, o fato de Zonaras ter usado a *Alexiada* como sua principal fonte para o reinado de Aleixo não significaria que foi sua única fonte. O próprio Frankopan destaca detalhes na narrativa apresentada por Zonaras que não estão presentes na *Alexiada*, muitos dos quais refletem negativamente em Aleixo, como diversos fatos relacionados a competição por poder dentro da própria família imperial, os quais apresentam a relação do imperador e seus parentes de uma forma muito mais problemática do que o fez Ana Comnena, a suposta fonte de Zonaras (Frankopan, 2022, p. 657-659). Da mesma forma, Frankopan reconhece uma crítica política presente no texto com Aleixo, por exemplo Aleixo não respeitando as antigas tradições romanas, dizendo que “[o] tema da censura senatorial à autocracia tem raízes profundas na *Epitome historion*” (Frankopan, 2022, p. 661, tradução própria).

Embora não seja impossível que Zonaras tenha usado o relato de Ana Comnena para compor sua versão do reinado de Aleixo I, não podemos tomá-lo simplesmente como um parafraseador dela. Podemos ver isso ao observar as semelhanças e diferenças em como Isaac é tratado por esses dois autores. Tanto João Zonaras quanto Ana Comnena apresentam a rebelião que levou à ascensão ao trono em 1081 como uma ação conjunta de Isaac e Aleixo. Na *Alexiada*, há o reconhecimento tácito da importância de Isaac no relato da tomada de poder, no qual ele aparece, na verdade, com uma leve precedência na hierarquia áulica bizantina sobre seu irmão mais novo. Porém, ela inclui detalhes cujo provável objetivo é sugerir a superioridade de seu pai e sua escolha pré-determinada pela Providência Divina, como por exemplo a inclusão de um episódio no qual os irmãos cruzam com um monge solitário, identificado como sendo São João, o Teólogo, que teria

profetizado a ascensão de Aleixo ao trono (Ana Comnena, 2001, p. 74-75; Vilimonović, 2019, p. 290-296). Além disso, ela enfatiza o papel dos familiares de sua mãe, os Ducas, na tomada de poder, provavelmente em função de um relato elogioso e propagandístico pro-Ducas que ela usou como fonte e de sua intenção de se conectar com a sua família materna (Vilimonović, 2019, p. 163-268 [sobre os Ducas], p. 290-297 [sobre Isaac]).

Com a tomada de poder, os autores mudam a abordagem com relação à agência de Isaac. Zonaras atribui a “os Comnenos” as primeiras políticas do novo regime: a revogação das decisões de Nicéforo III; a concessão a Nicéforo Melisseno do título de *kaisar*, inicialmente um dos títulos reservados ao imperador (lat. *caesar*) passados a sucessores presumidos e membros dirigentes da casa imperial, e da cidade de Tessalônica com o direito de cobrar suas receitas fiscais; e a nomeação de Eustrácio Garidas como patriarca de Constantinopla (João Zonaras, 1897, p. 730-734). Porém, gradualmente Isaac perde espaço na narrativa de Zonaras, até o ponto em que ele afirma que o imperador tirou as botas púrpuras de Constantino Ducas, que, lembremos, havia sido coroado junto a Aleixo, para manter “a dignidade do poder absoluto e imperial somente com o Comneno [entende-se: Aleixo] (μόνον τῷ Κομνηνῷ ἢ τῆς αὐταρχίας κλήσις καὶ ἡ βασιλεία περιελέλειπτο, João Zonaras, 1897, p. 733)”. A partir de então, “os Comnenos” desaparecem, a Aleixo são atribuídas todas as ações do regime; e Isaac desaparece do relato, com a exceção de uma nota na qual o autor informa que este havia adotado o hábito monástico e falecido um pouco depois de sua mãe (João Zonaras, 1897, p. 746).

Especulamos sobre a razão da ênfase dada por Zonaras ao governo conjunto nos primeiros anos de seu reinado, e o foco em Aleixo como o único governante no resto do relato. Talvez tenha sido a forma que o autor encontrou para harmonizar duas exigências contraditórias: por um lado, Zonaras queria transmitir o arranjo estabelecido pela tomada do poder em abril de 1081, no qual Isaac realmente gozava de dignidade e poder quase imperiais; por outro lado, ele queria moldar seu relato sobre o reinado de Aleixo I em uma tradição historiográfica há muito estabelecida, na qual as ações de apenas um governante são enfatizadas (Magdalino, 2012, p. 227). Também é possível que Zonaras quisesse associar iniciativas que ele não aprovava, como a criação de novos impostos, a generosidade com os parentes imperiais e a abolição

das *rogai*, salários dados anualmente aos portadores dos antigos títulos senatoriais, apenas a Aleixo (João Zonaras, 1897, p. 732-733). Isso explica por que Isaac não aparece em eventos nos quais, segundo a narrativa de Ana Comnena, teria participado intensamente, como a repressão da chamada conspiração de Anemas e da heresia bogomila, ambas ocorridas em por volta do ano 1100.

Ana Comnena dá proporcionalmente ainda menos espaço para Isaac Comneno após a tomada de poder. Na *Alexíada*, Aleixo se torna o fio condutor de sua narrativa e a única liderança política do Império. Contudo, nos episódios em que Isaac é mencionado, a autora enfatiza a relação próxima e o respeito que Aleixo reservava ao seu irmão mais velho. Além do mais, em duas ocasiões ela recorda a posição quase imperial de Isaac. Ao descrever os novos títulos criados por Aleixo, entre os quais *sebastokrator*, ela afirma que Isaac era como um “segundo imperador (οιονεὶ δεύτερον βασιλέα πεποιηκώς, Ana Comnena, 2001, p. 95)”. Em seu relato sobre os ataques de Leão, Bispo de Calcedônia, contra as apropriações de bens eclesiásticos para financiar a defesa do império, medida atribuída a Isaac, Ana Comnena diz que os ataques foram contra “os imperadores” e que Isaac “era um imperador sem púrpura (οὐκ ὀκνῶ γὰρ καὶ τὸν Ἰσαάκιον ἀπόρφυρον βασιλέα κατονομάζειν, Ana Comnena, 2001, p. 144)”, sendo a púrpura uma cor reservada aos imperadores bizantinos (Treitinger, 1956, p. 58-63). À semelhança de Zonaras, a quase ausência, com poucas exceções, de Isaac na *Alexíada* pode ser atribuída também à característica já mencionada da historiografia bizantina de estruturar sua narrativa com os feitos do governante. Contudo, Ana Comnena leva essa característica a um novo patamar, elevando seu pai à condição de um herói épico, intenção claramente expressa no título de sua obra, para o qual naturalmente não pode haver paralelo.

5. A *basileia* partilhada: Isaac Comneno nas fontes contemporâneas ao reinado de Aleixo

Como mencionamos acima, autores e suas composições foram influenciadas pelo contexto político no qual escreveram, assim como pelas tradições historiográficas nas quais estavam inseridos. Portanto, é essencial investigar como as fontes contemporâneas ao reinado de Aleixo caracterizaram a pessoa

de Isaac e as funções que exerceu durante o reinado de seu irmão. Para este fim, a retórica imperial fornece algumas informações relevantes.

No período em que os imperadores Comnenos governaram, observamos uma rica produção de discursos imperiais (*basilikoi logoi*) que foram executados na presença do monarca e da corte, de acordo com modelos extraídos da Segunda Sofística.⁵ Esse gênero foi mais prevalente nos reinados de imperadores posteriores, mas temos alguns exemplos vindos do reinado de Aleixo (Mullett, 1996). Dois deles foram compostos por Teofilacto de Ocrida, o Arcebispo da Bulgária. O primeiro discurso foi dirigido a Constantino Ducas, coimperador junto a Aleixo, por volta de 1087, e outro dedicado àquele em 1088. O primeiro discurso foi provavelmente executado no Palácio de Mangana, onde Constantino e sua mãe, a ex-imperatriz Maria Bagrationi, mantinham uma corte separada da dos Comnenos. Isso pode ser afirmado em função do fato de que nem Aleixo e nem seus familiares são mencionados nessa oração. O segundo discurso é, portanto, mais relevante para o atual estudo, pois, nele, Teofilacto elogia Aleixo em sua presença, de seus parentes e da corte (Dias, 2022, p. 803-828). Nele, não vemos o retórico se dirigindo diretamente a Isaac, mas há uma possível menção a ele. Depois de elogiar a mãe do imperador, Ana Dalassena, em termos imperiais, Teofilacto elogia sua descendência, dizendo:

Ó mulher verdadeiramente feliz cheia de maravilhas; por um lado, especialmente admirável por si mesma, por outro, admirável também por aqueles que nasceram dela, que estão diante de todos os homens como uma lei viva; eles proclamam através de si mesmos o amor fraterno, repreendendo nossa vida com um silêncio eloquente. Pois antigamente os assuntos imperiais não eram compartilhados ou eram difíceis de compartilhar, de modo que a ceia de Tieste tornou-se proverbial, e por muito tempo a má reputação desta abominável ceia não diminuiu. No entanto, eles alegremente [compartilharam], e um é atendido por dois e dois por um; de fato, não tenho como me exprimir de outra forma. Assim, parece-me que Deus quer mostrar outra e nova criação das coisas com a fixação de duas grandes estrelas no céu do poder imperial, e isto se aplica talvez à sabedoria do Eclesiastes: duas são melhores do que uma (Ec, 4: 9-12). Vocês são os únicos que recompensam um ao outro com coisas iguais, os únicos que conquistam todos, que conquistam um pelo outro (Teofilacto de Ocrida, 1980, p. 239-241)⁶.

Este elogio ao poder partilhado é, no entanto, ambíguo. Não está claro se as duas pessoas que compartilham o poder harmoniosamente são Aleixo e sua mãe ou Aleixo e um de seus irmãos. Além de Isaac, Ana Dalassena foi transformada por Aleixo em regente para governar Constantinopla em suas constantes ausências para fazer frente às muitas invasões que o império sofria. Segundo Ana Comnena, ele chegou a produzir um crisóbulo, um edito imperial, cedendo a sua mãe um poder autônomo e decretando que suas ações não precisavam ser confirmadas por ele (Ana Comnena, 2001, p. 100-103). Desse modo, enquanto Margaret Mullett (1996, p. 385) aceita sem reservas que é a mãe a pessoa com a qual Aleixo divide o poder, Rosario Anastasi (1982, p. 358-362) argumenta que se trata de Isaac. Para isso, a última se baseia no discurso, que, segundo o editor, nunca foi executado, mas divulgado por escrito, conhecido como “Sobre as Ordenações” de 1084 por Nicetas, Metropolita de Ancira, no qual o autor se dirige aos dois *basileis* que seriam fortes na guerra e na preservação da lei (Nicetas de Ancira, 1966, p. 176).

Nicetas menciona que está se dirigindo aos “imperadores coroados por Deus que presidem [a sessão] (προκαθημένων βασιλέων θεοστεφών, Nicetas de Ancira, 1966, p. 184)”. A primeira conclusão que podemos chegar é de que o autor está se referindo a Aleixo I e Constantino Ducas, os dois imperadores de fato coroados na data da composição (1084). Contudo, é importante recordar que Constantino havia sido associado a Aleixo no trono em função de uma negociação com sua mãe, a imperatriz Maria Bagrationi, e, naquele ano, ele não passava de uma criança de dez anos, pois nascido em 1074 (Polemis, 1968, p. 60-63). Assim, como pontuou Jean Darrouzes, o editor, a menção de que ambos os soberanos eram “fortes nas guerras (έν πολέμοις κραταιούς)” seria inadequada para um menino dessa idade, da mesma forma que seria para Ana Dalassena em função de expectativas e modelos relacionadas ao seu gênero (Nicetas de Ancira, 1966, p. 206, nota 1). Logo, podemos pensar que o coroação a que Nicetas se refere seja metafórica. As regras do estilo retórico utilizado pelo autor em sua composição incentivavam hipérboles para criar efeitos emocionais nos ouvintes, portanto permitiriam tal exagero (Dennis, 1997, p. 134).

No mais, como demonstra Gilbert Dagron, a coroação do imperador bizantino era secundária no processo de legitimação do poder imperial. O cidadão privado era transformado em *autokrator* no momento da aclamação

e da tomada de poder, que em si confirmava tanto o apontamento divino e a escolha pelos grupos que formavam o corpo político. Posteriormente eram realizadas uma série de rituais e atos públicos que tinham como objetivo institucionalizar a usurpação (Dagron, 2003, p. 54-83). A “coroação por Deus”, mencionada por Nicetas de Ancira, pode então ser uma referência retórica à usurpação de 1081, que, como vimos acima, foi retratada pela historiografia produzida algumas décadas depois como sendo de autoria dos irmãos Comneno. Podemos, assim, concluir que os imperadores referidos e elogiados por aquele autor são Aleixo I e o *sebastokrator* Isaac. Como Anastasi afirma, “É provável que no difícil decênio do início de seu reinado, Aleixo tenha dado a Isaac mais poder do que os relatos recolhidos por nós mostram (Anastasi, 1982, p. 361, tradução própria)”.

Outro testemunho importante para esta discussão é a oração por João Oxita, o Patriarca de Antioquia, datada de 1092 (João Oxita, 1970). Alguns anos antes, o autor havia sido nomeado para esse cargo, mas devido à insegurança no Mar Egeu em função da presença de piratas turcos, ele permaneceu em Constantinopla, onde proferiu um discurso a Aleixo I. Não precisamos entrar nas especificidades desta obra, mas basta dizer que ela contém pesadas críticas ao imperador, pois Oxita denuncia seu regime como opressivo e ofensivo a Deus. Um dos culpados é a família de Aleixo que havia se tornado um flagelo para o império, pois todos eles haviam adotado um modo de vida imperial e estavam mais preocupados consigo mesmos do que com o bem-comum. Isto resultou na falta de recursos disponíveis ao imperador, forçando-o a buscar meios de financiamento que eram ultrajantes a Deus (João Oxita, 1970, p. 40, 42). Naquele discurso, Isaac é mencionado apenas uma vez quando o Patriarca elogia seu conhecimento das Sagradas Escrituras. O *sebastokrator* é o único membro do público a ser individualmente citado ao longo da oração, além do imperador (João Oxita, 1970, p. 37, 39).

Esta obra torna-se relevante para a presente discussão, pois seu ponto central é a crítica às medidas para financiar a defesa do Império, ou seja, a expropriação dos bens da Igreja, na qual, como já foi dito, Isaac desempenhou um papel fundamental. Para Oxita, tais medidas não se justificam,

[...] pois quando vocês sugerem tais coisas, vocês são completamente contrariados pelas muitas outras; e na verdade, a extensão de

suas propriedades, as cidades dentro das cidades, os excessos das fundações, os numerosos palácios, os tesouros [que vocês guardam] provavelmente em cada um deles; o poder imperial dividido, por tais coisas, não está firme (João Oxita, 1970, p. 41)⁷.

Assim, segundo Oxita, o *status quo* existente não é apenas o poder imperial (βασιλεία), mas o “poder imperial dividido” (μερισθεῖσα βασιλεία), que Oxita diz estar em crise devido à cupidez desenfreada dos parentes do imperador. Com quem a *basileia* é compartilhada? Com Aleixo certamente. Considerando a data de composição (1091), o outro não poderia ser Constantino Ducas, o qual nem sequer é mencionado no discurso, provavelmente porque ele já tinha começado a ser marginalizado por Aleixo e acabou perdendo a posição imperial poucos anos depois. João Comneno, filho de Aleixo e futuro imperador, também não poderia ter sido um daqueles com quem Aleixo compartilhou a *basileia*, primeiro porque na época era uma criança pequena, o que não está em tom com o discurso que é um chamado à ação, mas principalmente porque ele só foi coroado em 1092 (Varzos, 1984, p. 204). Assim, a menção de Isaac como o segundo destinatário do discurso ao iniciar sua lista de sugestões para remediar os problemas pelos quais o Império passava deixa claro que é com ele que Aleixo compartilha o poder.

Retornando ao questionamento original sobre a identidade da pessoa com quem Aleixo partilhava o “céu do poder imperial” na oração de Teofilacto de Ocrida, não é possível determinar com toda certeza se era sua mãe ou seu irmão. Contudo, o paralelo entre a situação em que o poder era dividido no momento da execução da oração imperial e as realidades anteriores comparadas com o banquete de Tieste nos dá uma indicação: de acordo com a mitologia grega, Tieste traiu seu irmão, Atreu, que, por sua vez, vingou-se de Tieste servindo a carne de seus filhos sem que este soubesse. Essa referência a uma relação disfuncional entre irmãos como um contraponto à situação atual é uma forte evidência de que Teofilacto estava falando sobre a relação entre Aleixo e Isaac. De qualquer forma, certa ambiguidade permanece, talvez provocada intencionalmente pelo autor, querendo enfatizar o novo modelo coletivo de exercício de poder em que o imperador deu aos seus parentes mais próximos não somente parte do carisma imperial, mas um campo de ação relativamente autônomo para auxiliá-lo nos difíceis primeiros anos de seu governo.

6. Insígnias e símbolos de poder

Até o presente momento tratamos de fontes historiográficas e retóricas. Devido ao pequeno número de pessoas capazes de entender o idioma arcaizado e o estilo rebuscado com os quais essas obras foram compostas, e ao fato de que as obras retóricas eram executadas na frente de um número limitado de pessoas que tinham acesso à corte imperial, seu impacto era restrito. Consequentemente, as mídias de caráter mais material tinham uma maior capacidade de alcance. Assim, elas obviamente foram usadas pela autoridade imperial e pelo próprio Isaac para representar visualmente sua autoridade.

Ao relatar a criação dos novos títulos por seu pai, Ana Comnena diz que ele criou insígnias específicas para elas. Para o *sebastokrator* e para o *kaisar*, Aleixo concebeu diademas semelhantes às aquelas portadas pelo próprio imperador. Enquanto o diadema imperial era hemisférico com pedras preciosas e pérolas, algumas incrustadas e a outras penduradas de lado tocando as bochechas, os diademas do *sebastokrator* e do *kaisar* eram faixas incrustadas com pérolas e pedras preciosas (Ana Comnena, 2001, p. 95, ver anexo I com exemplos visuais mais tardios⁸). Embora a autora faça parecer que essas insígnias eram parte das inovações políticas que seu pai havia introduzido, a cessão de diademas ao *kaisar* era muito antiga (Guilland, 1967, p. 37). É interessante notar que o *sebastokrator* Isaac e o *kaisar* Nicéforo Melisseno receberam o mesmo diadema. Melisseno havia recebido tal título, acompanhado das rendas vindas da cidade de Tessalônica, a segunda maior e mais importante do império, como resultado de uma negociação. Ele havia se rebelado ao mesmo tempo que os Comnenos em 1081, mas na Anatólia. Após negociações, Melisseno renunciou suas pretensões imperiais em troca dos benefícios que ele posteriormente recebeu dos Comnenos (Ana Comnena, 2001, p. 75-77). Assim, o fato de Isaac Comneno e Nicéforo Melisseno terem recebido o mesmo diadema pode ter significado que ambos os indivíduos seriam tratados como iguais pelo imperador, recebendo porções semelhantes de poder e autoridade. Isso naturalmente não aconteceu, pois Isaac evidentemente exerceu um papel muito mais importante no reinado de seu irmão do que Melisseno.

Além das insígnias cedidas pelo imperador que serviam como evidência visual de autoridade em aparições públicas e cerimoniais, há documentação originada do próprio Isaac, nas quais é possível ver como ele projetava

publicamente sua posição e a si próprio: três selos de chumbo de sua autoria datados como tendo sido produzidos depois de 1081 (Dumbarton Oaks, [2023], BZS.1951.31.5.501, BZS.1958.106.5003, BZS.1958.106.5627). Selos eram usados pelos bizantinos para autenticar os seus documentos públicos. Os imperadores tinham o privilégio de usar um selo de ouro (*chrysoboulia/chrysoboula*), além de assinar com a tinta púrpura. O resto dos bizantinos autenticava seus documentos com selos de chumbo; não somente oficiais do exército, da igreja e da administração, mas também pessoas privadas. Pela durabilidade do próprio material, existe hoje um conjunto de por volta de sessenta mil desses selos, apesar da enorme maioria dos documentos que eles autenticavam ter sido destruída ou perdida, o que é um indício da complexidade do aparato estatal bizantino (Nesbit, 2008, p. 150-156). Esses selos foram produzidos por todo o período bizantino, mas, se analisarmos a coleção catalogada do instituto Dumbarton Oaks, que possui quinze mil exemplares, fica claro que os séculos X, XI e XII parecem ter sido os mais profícuos (Dumbarton Oaks, [2023]). Os elementos apresentados nesses selos são bem variados. Seus autores não só se identificaram com seus nomes, mas também com seus títulos honoríficos e seus cargos civis, eclesiásticos e militares (se os tivessem) e retratavam santos de sua devoção, imagens sagradas, animais, símbolos etc., de modo que os selos de chumbo representam fontes importantes para administração do império, iconografia, composição da elite, suas tradições religiosas e sua genealogia. Além disso, seu número abundante permite estudos estatísticos, o que é difícil de fazer com outros gêneros de fontes no contexto bizantino (por exemplo Shea, 2020).

Os selos de Isaac feitos após sua nomeação como *sebastokrator* são muito semelhantes. No anverso está uma representação de São Teodoro, que como santo militar gozou de grande popularidade entre os representantes da aristocracia militar da qual Isaac era parte. No reverso está a inscrição “[Κ(ύρι)ε βοήθε]ι τῷ σῶ [δο]ύλῳ Ἰσαα[κ]ίῳ δεσπότη [τ]ῷ Κομνηνῷ” ou “Senhor, ajude seu servo, o *despotes* Isaac Comneno” (ver anexos II). A palavra grega *despotes* significa o mesmo que o latim *dominus*, em português “senhor, amo”, que é o antônimo de *doulos*, *servus* e escravo. Segundo Procópio de Cesaréia, Justiniano I (527-565) teria sido o primeiro imperador a exigir ser assim chamado, provocando a revolta de seus súditos, pois, por antonímia, eles seriam seus escravos. Este relato é provavelmente parte da campanha

de difamação de Justiniano por Procópio, já que os monarcas eram chamados de *dominus* pelo menos desde a Tetrarquia (293-c.313). É possível que Justiniano tenha sido o primeiro a traduzir esse epíteto para o grego. O mais relevante é que este termo se tornou sinônimo de *basileu*. Como não era um título oficial, ele poderia ser estendido ao filho do imperador, mesmo que ele ainda não tivesse sido coroado. A partir do século XII, o epíteto começou a ser portado por outros membros da família imperial, assim como por potentados estrangeiros (Guilland, 1967, p. 1-24). No entanto, no período em que Isaac foi *sebastokrator*, ou seja, entre 1081 e 1102/4, a expansão de seu uso estava em seu início, de forma que era ainda muito limitado. Os únicos que o parecem deter, além do imperador, eram Isaac Comneno e Nicéforo Melisseno, que também se identificava como tal em seus selos (por exemplo Dumbarton Oaks, [2023], BZS.1958.106.5425, que porta a inscrição “Virgem, ajude o *despotes* Nicéforo Melisseno[Θ(εοτό)κε βοήθει Νικηφόρω δεσπ(ό)τ(η) τῷ Μελ(ισσηνῷ)]]” ver anexo III). Como mencionado, Melisseno recebeu de Aleixo e Isaac o título de *kaisar* junto com as rendas da cidade de Tessalônica. Assim, é plausível que o direito de portar o epíteto de *despotes* era parte do extenso e generoso pacote de compensações concedido a Melisseno em troca da abdicação de suas aspirações imperiais. Portanto, torna-se clara a razão pela qual Isaac também foi autorizado a portá-lo: como *sebastokrator* ele tinha um título hierarquicamente superior a Melisseno, portanto ele também foi autorizado a ser chamado e chamar a si próprio de *despotes*, da mesma forma que havia recebido o mesmo diadema cedido ao *kaisar*. Entretanto, não creio que seja apenas isso. É igualmente um reflexo da posição elevada como um igual a um imperador, ou *isobasileu*, que Isaac desfrutou posteriormente.

7. Conclusão

Após observarmos as diversas representações contemporâneas e posteriores da *sebastokratoria* de Isaac Comneno, fica evidente que a hierarquia áulica e a dignidade do cargo imperial eram assuntos levados extremamente a sério pelos bizantinos, principalmente pelos autores ligados à corte, de modo que vemos as fontes estudadas dedicando uma enorme atenção a detalhes sobre a posição de cada um dos membros da família, assim como a relação entre eles. Historiadores e retóricos de corte esforçaram-se, então, para definir a nova hierarquia áulica fundada por Aleixo I de acordo com o vocabulário e ideias políticas tradicionais. Podemos aqui, então, retomar a tipologia de

Magdalino apresentada no início deste artigo, na qual ele separa as formas de representação do poder imperial em três grupos: as oficiais vindas diretamente do imperador ou em seu nome, as também de natureza oficial mas vindas de representantes da administração ou igreja, e os não oficiais. Aqui, começamos com o terceiro tipo: as fontes historiográficas (*Alexiada* e *Epítome de Histórias*) são as principais para a história política do Império, pois nos fornece sequências cronológico-factuais e mesmo análises das constelações de poder. Elas retratam Isaac de uma forma ambígua: reconhecem o papel que ele teve na ascensão ao trono e no governo que se seguiu, como alguém quase no mesmo patamar que o imperador, mas lhe dão pouca agência. Vimos como isso pode ser atribuído tanto às tendências gerais da produção historiográfica bizantina quanto intencionalidade e viés de cada um de seus autores. As outras fontes escritas, as obras retóricas, podem ser qualificadas como sendo do segundo tipo. Embora a chancela oficial a elas não esteja comprovada sem sombra de dúvida, são personagens se expressando não como pessoas privadas, mas como membros da hierarquia eclesiástica. No caso de dois deles, Teofilacto de Ocrida e João Oxita, é quase certo que os discursos tenham sido executados na presença do imperador e sua corte, o que implica um assentimento imperial, senão ao conteúdo, mas à própria execução. Esses textos deixam claro a novidade do arranjo então estabelecido: a partilha do poder imperial, com Teofilacto de Ocrida expressando sua surpresa com o sucesso daquilo que anteriormente parecia impossível, ou com João Oxita afirmando que a divisão de poder estava em risco devido ao comportamento predatório dos parentes imperiais. Já o terceiro grupo de fontes estudadas: as insígnias e os selos podem ser considerados como sendo do primeiro grupo, pois são autorrepresentações da nova conjuntura política estabelecida. Nelas o poder imperial compartilhado entre irmãos quis deixar público a natureza da autoridade quase imperial do *sebastokrator*.

Isaac morreu quase duas décadas antes de seu irmão entre 1102 e 1104, mas antes tomou o hábito monástico sob o nome de João (Varzos, 1984, p. 78). O resto do reinado viu um Aleixo mais autônomo, não mais compartilhando o poder com ninguém, e mais presente em Constantinopla, delegando o comando de campanhas militares a outros. O arranjo entre Aleixo e Isaac foi então único, não só no reinado de Aleixo, mas também no de seu filho, João II, e de seu neto, Manuel I. Houve naturalmente outros *sebastokratores* (vide anexo II), que eram os filhos dos imperadores que não sucederam a seu pai,

mas nenhum deles recebeu dos imperadores Comnenos o poder que Aleixo concedeu a seu irmão mais velho. Esta foi provavelmente uma das causas das tensões entre os monarcas posteriores e seus irmãos *sebastokratores*.

Referências

NA COMNENA. *Alexíada*. REINSCH, Diether R.; KAMBYLIS Athanasios (ed). *Annae Comnenae Alexias*. Berlim; Nova York: De Gruyter, 2001.

ANASTASI, Rosario. Sul logos basilikos di Teofilatto per Alessio Comneno. *Orpheus*, Roma, v. 3, p. 358-362, 1982.

BARTUSIS, Mark C. *Land and Privilege in Byzantium: The Institution of Pronoia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

BECK, Hans-Georg. *Das byzantinische Jahrtausend*. 2. ed. Munique: Beck, 1994.

BECK, Hans-Georg. Der byzantinische »Ministerpräsident«. *Byzantinische Zeitschrift*, Munique, v. 48, p. 309-338, 1955. Reimpr. in: BECK, Hans-Georg (org.). *Ideen und Realitäten in Byzanz: Gesammelte Aufsätze*. London: Routledge, 1972, Art. no. 13.

BECK, Hans-Georg. *Kirche und theologische Literatur im byzantinischen Reich*. Munique: Beck, 1959.

BUCKLEY, Penelope. *The Alexiad of Anna Komnene: Artistic Strategy in the Making of a Myth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

CHRYSOS, Evangelos K. The Title βασιλευς in Early Byzantine International Relations. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, v. 32, p. 31-75, 1978.

DAGRON, Gilbert. *Emperor and Priest: The Imperial Office in Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DENNIS, George T. Imperial Panegyric: Rhetoric and Reality. In: MAGUIRE, Henry (org.). *Byzantine Court Culture from 829 to 1204*. Washington: Harvard University Press, 1997, p. 131-140.

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. Isaac and Alexios I Komnenos (1081-1118): A Reassessment of a Unique Power-Sharing Arrangement between Brothers. In: BOSSELMANN-RUICKBIE, Antje; CHITWOOD, Zachary; PAHLITZSCH, Johannes; VUČETIĆ, Martin Marko (org.). *Byzanz am Rhein: Festschrift für Günter Prinzing anlässlich seines 80. Geburtstags*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2024, p. 43-64.

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. Performance, ceremonial and power in the basilikoi logoi by Theophylact of Ohrid. *Byzantinische Zeitschrift*, Munique, v. 115, 803-828, 2022.

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. Ruling separately but with the same mind: The partition of territory as power-sharing projects between the 10th and the 12th century in Byzantium. *Journal of Late Antique, Islamic and Byzantine Studies*, Edimburgo, v. 2, n. 1, p. 59-86, 2023.

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. *The Political Opposition to Alexios I Komnenos (1081-1118)*. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, Mainz, 2020.

DUMBARTON OAKS. *Coins and Seals Collection*. Washington: Dumbarton Oaks, [2023]. Disponível em: https://www.doaks.org/resources/seals/byzantine-seals#b_start=0. Acesso em: 6 abr. 2023.

FRANKOPAN, Peter. The Fall of Nicaea and the Towns of Western Asia Minor to the Turks in the Later 11th Century: The Curious Case of Nikephoros Melissenos. *Byzantion*, Leuven, v. 76, p. 153-184, 2006a.

FRANKOPAN, Peter. Challenges to Imperial Authority in the Reign of Alexios I Komnenos: The Conspiracy of Nikephoros Diogenes, *Byzantinoslavica*, Praga, v. 64, p. 257-274, 2006b.

FRANKOPAN, Peter. Kinship and the Distribution of Power in Komnenian Byzantium. *English Historical Review*, Oxford, v. 123, n. 495, p. 1–34, 2007.

FRANKOPAN, Peter. Kaiserkritik in 12th-century Byzantium? Understanding the Significance of the *Epitome Historiôn* of John Zonaras. *Travaux et mémoires*, Paris, v. 26, p. 653-674, 2022.

FRANKOPAN, Peter. Re-interpreting the Role of the Family in Comnenian Byzantium: Where Blood is not Thicker than Water. In: LAUXTERMANN, Marc D.; WHITTOW, Mark (org.). *Byzantium in the Eleventh Century: Being in Between*. Londres; Nova York: Routledge, 2017, p. 181-196. Papers from the 45th Spring Symposium of Byzantine Studies, Exeter College, Oxford, 24-6 March 2012.

GOUILLARD, Jean. Le Synodikon de l'orthodoxie: Édition et commentaire. *Travaux et Mémoires*, Paris, v. 2, p. 1-313, 1967.

GUILLAND, Rodolphe. *Recherches sur les institutions byzantines*. Berlin: Akademie-Verlag, 1967. v. 2.

GUILLOU, André, Functionaries. In: CAVALLO, Guglielmo. *The Byzantines*. Chicago; Londres: University of Chicago Press, 1997. p. 197-229.

HOHLWEG, Armin. *Beiträge zur Verwaltungsgeschichte des Oströmischen Reiches unter den Komnenen*. Munique: Institut für Byzantinistik und neugriechische Philologie der Universität, 1965.

JEFFREYS, Elizabeth (org.). *Rhetoric in Byzantium: Papers from the Thirty-Fifth Spring Symposium of Byzantine Studies*, Exeter College, University of Oxford, March 2001. Aldershot: Ashgate, 2003.

JEFFREYS, Elizabeth. Rhetoric in Byzantium. In: WORTHINGTON, Ian (org.). *A Companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 166-184.

JOÃO OXITA. *Discurso ao imperador senhor Aleixo Comneno*. GAUTIER, Paul (ed.). Diatribes de Jean l'Oxite contre Alexis Ier Comnène. *Revue des études byzantines*, Paris, v. 28, p. 5–55, 1970.

JOÃO ZONARAS. *Epítome de Histórias*. BÜTTNER-WOBST, Theodore (ed.). *Ioannis Zonarae epitomae historiarum libri xviii*. Bonn: Weber, 1897. v. 3.

KALDELLIS, Anthony. *The Byzantine Republic: People and Power in New Rome*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

KAZHDAN, Alexander; MCCORMICK, Michael. Basileus. In: KAZHDAN, Alexander (org.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 264.

KAZHDAN, Alexander. Sebastokrator. In: KAZHDAN, Alexander (org.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 1862

KOLB, Frank. Praesens Deus: Kaiser und Gott unter der Tetrarchie. In: DEMANDT, Alexander; GOLTZ, Andreas; SCHLANGE-SCHÖNINGEN, Heinrich (org.). *Diokletian und die Tetrarchie: Aspekte einer Zeitenwende*. Berlim; Nova York: De Gruyter, 2004. p. 27-37.

KRALLIS, Dimitri. Historiography as Political Debate. In: KALDELLIS, Anthony; SINIOSSOGLU, Niketas (org.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 599-614.

LILIE, Ralph-Johannes. Erbkaisertum oder Wahlmonarchie? Zur Sicherung der Herrschaftsnachfolge in Byzanz. In: BECHER, Matthias (org.). *Die mittelalterliche Thronfolge im europäischen Vergleich*. Ostfildern: Jan Thorbecke, 2017. p. 21-41.

LILIE, Ralph-Johannes. Reality and Invention: Reflections on Byzantine Historiography. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, v. 68, p. 157-210, 2014.

LINARDOU, Kalliroi. Imperial impersonations: disguised portraits of a Komnenian prince and his father. In BUCOSSO, Alessandra; SUÁREZ, Alex Rodriguez (org.). *John II Komnenos, Emperor of Byzantium: In the Shadow of Father and Son*. Farnham: Ashgate, 2016. p. 155–182.

MAGDALINO, Paul. Basileia: The Idea of Monarchy in Byzantium, 600–1200. In: KALDELLIS, Anthony; SINIOSSOGLOU, Niketas (org.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 575-598.

MAGDALINO, Paul. Aspects of Twelfth-Century Byzantine Kaiserkritik. *Speculum*, Chicago, v. 2, p. 326-346, 1983. Reimpr. in: MAGDALINO, Paul (org.). *Tradition and Transformation in Medieval Byzantium*. Aldershot: Variorum, 1991. VIII.

MAGDALINO, Paul. Byzantine Historical Writing, 900-1400. In: FOOT, Sarah; ROBINSON, Chase F. (org.). *The Oxford History of Historical Writing*. Oxford: Oxford University Press, 2012. v. 2, 400–1400, p. 218-237.

MULLETT, Margaret. The Imperial Vocabulary of Alexios I Komnenos. In: MULLETT, Margaret; SMYTHE, Dion (org.). *Alexios I Komnenos: Papers of the Second Belfast Byzantine International Colloquium, 14–16 April 1989*. Belfast: Priory Press, 1996. p. 359–397. Reimpr. in: MULLETT, Margaret (org.). *Letters, Literacy and Literature in Byzantium*. Aldershot; Burlington: Variorum, 2007, XIII]

MULLETT, Margaret; SMYTHE, Dion (org.). *Alexios I Komnenos: Papers of the Second Belfast Byzantine International Colloquium, 14–16 April 1989*. Belfast: Priory Press, 1996.

NESBIT, John. Sigillography. In: JEFFREYS, Elizabeth; HALDON, John; CORMACK, Robin (org.). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 150-156.

NEVILLE, Leonora. *Anna Komnene: the Life and Work of a Medieval Historian*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

NICETAS CONIATES. *História*. VAN DIETEN, Jan-Louis (ed.). *Nicetae Choniatae Historia*. Berlim; Nova York: De Gruyter, 1975. v. 1.

NICETAS DE ANCIRA. *Sobre o direito de ordenações*. DARROUZES, Jean (ed.). *Documents inédits d'ecclésiologie byzantine*. Paris: Institut français d'études byzantines, 1966. p. 176-207.

PAPACHRYSSANTHOU, Denise Uranie. La date de la mort du sébastocrator Isaac Comnène et de quelques événements contemporains. *Revue des études byzantines*, Paris, v. 21, p. 250–255, 1963.

POLEMIS, Demetrios. *The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography*. Londres: The Athlone Press, 1968.

SHEA, Jonathan. *Politics and Government in Byzantium: The Rise and Fall of the Bureaucrats*. London: I. B. Tauris, 2020.

STANKOVIC, Vlada. *Komnini u Carigradu (1057 – 1185)*. Evolucija jedne vladarske porodice. Belgrado: Vizantološki in-t SANU, 2006.

STIERNON, Lucien. Notes de titulature et de prosopographie byzantines. Sébaste et Gambros. *Revue des études byzantines*, Paris, v. 23, p. 222-243, 1965.

TEOFILACTO DE OCRIDA, *Discurso ao autokrator senhor Aleixo Comneno*. GAUTIER (ed.). *Theophylacti Achridensis Orationes, Tractatus, Carmina*. Tessalônica: Association de recherches byzantines, 1980. p. 213-243.

TINNEFELD, Franz Hermann. *Kategorien der Kaiserkritik in der byzantinischen Historiographie: Von Prokop bis Niketas Choniates*. Munique: Wilhelm Fink, 1971.

TREITINGER, Otto. *Die oströmische Kaiser- und Reichsidee nach ihrer Gestaltung im höfischen Zeremoniell: Vom oströmischen Staats- und Reichsgedanken*. 2. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1956.

VARZOS, Konstantinos. Ἡ γενεαλογία τῶν Κομνηνῶν. Tessalônica: Κέντρον Βυζαντινῶν Ερευνῶν, 1984. v. 1.

VILIMONVIĆ, Larisa Orlov. *Structure and Features of Anna Komnene's Alexiad: Emergence of a Personal History*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019.

ZUCKERMAN, Constantin. On the Titles and Office of the Byzantine Βασιλευς.
Travaux et mémoires, Paris, v. 16, p. 867-890, 2010.

João Vicente de Medeiros Publio Dias { O sebastokrator Isaac Commeno (n.1050-†1102/4)
e os desafios em representar um quase imperador }

ARTIGOS

Anexo 1 - Diademas do imperador e do sebastokrator no século XII

João Vicente de Medeiros Publio Dias { O sebastokrator Isaac Comneno (n.1050-†1102/4) e os desafios em representar um quase imperador }

ARTIGOS



Mosaico representando o imperador João II Comneno (1118-1143), Museu-Mesquita de Santa Sofia (arquivo pessoal)



Mosaico representando Isaac Comneno, filho de Aleixo I, o segundo sebastokrator (n. 1093 - †1152), Museu-Mesquita da Igreja de Chora (arquivo pessoal)

Anexo 2 - Selos de chumbo de Isaac Comneno



Selo BZS. 1951.31.5.501

Harvard Art Museums/Arthur M. Sackler Museum, Bequest of Thomas Whittemore.



Selo BZS.1958.106.5003

© Dumbarton Oaks, Coins and Seals Collection, Washington, DC



Selo BZS.1958.106.5627

© Dumbarton Oaks, Coins and Seals Collection, Washington, DC

Anexo 3 - Selo de chumbo de Nicéforo Melisseno



Selo, BZS.1958.106.5425

© Dumbarton Oaks, Coins and Seals Collection, Washington, DC

Notas

1 Versões iniciais desse trabalho foram apresentadas durante as Jornadas Filológicas de 2022 e em um encontro do Seminário de Pós-doutorado do Instituto de Investigações Filológicas em 2023, ambos na Cidade do México. Agradeço aos colegas pelas críticas e sugestões.

2 Bolsista do Programa de Bolsas de Pós-doutorado na UNAM, Instituto de Investigações Filológicas, Assessorado pelo Dr. José Ricardo Francisco Martínez Lacy

orcid.org/0000-0002-2846-0143

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9754122958796563>

3 Uma biografia do sebastokrator Isaac Comneno pode ser encontrada na obra prosopográfica de Konstantinos Varzos (1984, p. 67-79).

4 Há diversos estudos sobre a representação de Aleixo na obra de Ana Comnena, sendo Buckley (2014) o mais recente.

5 Sobre retórica em Bizâncio recomendo Jeffreys (2007), além do livro Jeffreys (2003, p. 1-5) que contém diversos estudos sobre o tema, em especial a introdução e Magdalino (2017, p. 117-125).

6 Teofilacto de Ocrida (1980, p. 239,241): Ὁ πανολβία τοῦ ἀνεμπλήστου ὀράματος, μάλλον μὲν θαυμασία δι' ἐαυτήν, μάλλον δὲ διὰ τοὺς ἐξ αὐτῆς, οἱ νόμον ἔμπρακτον ἐαυτοὺς προθέντες ἀνθρώποις ἅπασι, δι' ἐαυτῶν κηρύττουσι τὸ φιλάδελφον, λάλῳ σιωπῇ τὸν βίον ἡμῶν σωφρονίζοντες. Τὸ γὰρ πρῖν, ἀκοινώνητον τὸ χρῆμα τῆς βασιλείας ἢ δυσκοινώνητον διὸ τὰ Θυέσεια δειπνα πεπαρομιᾶσται καὶ οὐδ' ὁ πολὺς χρόνος τὴν μαρὰν ἐκείνην συνέσειλε τράπεζαν. Ἄλλ' οὗτοι μεθ' ἰλαρότητος ἐκοινώσαντο, καὶ δυοῖν ἐνὸς μέλει καὶ τῷ ἐνὶ τοῖν δυοῖν· οὐ γὰρ ἔχω πῶς ἄλλως φθέγξομαι. Ὅθεν ἐμοὶ δοκεῖν βουλευθεὶς ὁ Θεὸς τῶν πραγμάτων ἐτέραν κτίσιν καὶ νεωτέραν ἐνδείξασθαι τῷ τῆς βασιλείας οὐρανῷ τοὺς δύο φωστήρας τοὺς μεγάλους ἐγκαταπήξασθαι, καὶ τοῦτο ἦν ἄρα τοῦ Ἐκκλησιαστοῦ τὸ σοφόν· ἀγαθοὶ οἱ δύο ὑπὲρ τὸν ἕνα; Ὁ μόνον τοῖς ἴσοις ἀλλήλους ἀμειψάμενοι, μόνον μὲν νικῶντες ἅπαντας, μόνον δὲ ἀλλήλων νικῶμενοι.

7 João Oxita (1970, p. 41): Ὅταν γὰρ προβάλλησθε τὰ τοιαῦτα, μάλιστα μὲν ἀντιφθέγγονται ὑμῖν ἄλλα τε πολλὰ καὶ μέντοι καὶ κτημάτων περιβολαὶ καὶ αἱ ἐντὸς πόλεως πόλεις καὶ κτισμάτων ὑπερβολαὶ καὶ τὰ πολλὰ βασιλεία καὶ οἱ ἐφ' ἐκάστου κατὰ τὸ εἰκὸς θησαυροὶ καὶ ἡ μερισθεῖσα βασιλεία καὶ διὰ τοῦτο μηδὲ ἰσταμένη.

8 Agradeço ao parecerista que pontuou que a imagem do sebastokrator Isaac, não o que estamos estudando no presente artigo, mas de seu sobrinho, o filho de Aleixo Commeno também chamado Isaac (n. 1093 - †1152), na Igreja de Chora adicionada ao anexo I nos chegou até hoje como parte da renovação deste templo feita pelo estadista e erudito Teodoro Metochites (1270-1332). Contudo, Linardou (2016, p. 158-164) afirma de forma convincente que os artistas do século XIV devem ter reproduzido boa parte dos elementos presentes de um retrato anterior de Isaac produzido na época em que ele foi *ktetor*, ou seja, fundador (ou refundador), desta igreja. Ela afirma que os elementos presentes na parafernália com a qual Isaac é representado se aproximam mais dos padrões observados na época dos Commenos do que na dos Paleólogos.